

FILOSOFIA E EDUCAÇÃO: ANÁLISE DE DUAS PROPOSTAS PARA A INSERÇÃO DA FILOSOFIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

PHILOSOPHY AND EDUCATION: ANALYSIS OF TWO PROPOSALS FOR INSERTING PHILOSOPHY IN THE EARLY YEARS OF ELEMENTARY SCHOOL

Ingrid Stefane de Lima¹

Jeferson Luís de Azeredo²

RESUMO: O presente trabalho procura analisar duas propostas de filosofia no Ensino Fundamental, buscando destacar os principais elementos de cada proposta quando ofertadas como disciplina na grade curricular ou como projeto não-disciplinar. Inicia-se a partir de uma visita panorâmica das idas e vindas da Filosofia na educação, como base para compreendermos a filosofia nos espaços escolares nos diferentes contextos históricos, e em seguida a análise de duas propostas para a inclusão da filosofia, a primeira a partir do trabalho do professor e filósofo Matthew Lipman, e a outra, a partir do projeto de extensão realizado pela Unesc e coordenado por docentes desta instituição. Além disso, apresenta-se em síntese, o conceito de filosofia e as possibilidades da sua inserção no ensino fundamental através de cada uma destas propostas, apontando para a importância do saber filosófico como área constituinte da formação humana integral. A pesquisa possui caráter exploratório, sendo de procedimento bibliográfico e documental.

PALAVRAS CHAVE: Filosofia. Ensino Fundamental. Filosofia para crianças. Filosofia com crianças.

ABSTRACT: This paper analyzes two proposals of philosophy in elementary school, seeking to highlight the main elements of each proposal when offered as a subject in the curriculum or as a non-disciplinary project. It begins with a panoramic visit of the comings and goings of philosophy in education, as a basis for understanding philosophy in school spaces in different historical contexts, and then the analysis of two proposals for the inclusion of philosophy, the first from the work of professor and philosopher Matthew Lipman, and the other, from the extension project carried out by Unesc and coordinated by professors of this institution. In addition, the concept of philosophy and the possibilities of its insertion in elementary school through each of these proposals are summarized, pointing to the importance of philosophical knowledge as a constituent area of integral human formation. The research has exploratory character, being of bibliographical and documentary procedure.

¹ Graduada em Pedagogia da Unesc/ stefane2114@gmail.com

² Graduado em Filosofia, Mestre em Educação, Doutorando em Filosofia; jeferson@unesc.net

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 4, nº3, setembro/dezembro 2020.– Curso de Pedagogia– UNESC

KEY WORDS: Philosophy. Elementary School. Philosophy for children. Philosophy with children.

1 INTRODUÇÃO

O tema da presente pesquisa surgiu a partir da indagação do espaço que a filosofia³ ocupa nos espaços escolares, ainda com inúmeras incertezas e comparações. Para isso, o foco se deu com a análise e descrição de duas propostas de filosofia para crianças hoje, pensadas a partir dos espaços históricos constituídos no cenário educacional brasileiro, que visitaremos como introdução a nosso problema.

Surgiram algumas questões que direcionaram meu olhar, indo ao encontro do professor que me orientou, efetivando a pesquisa: Em qual segmento da Educação Básica há Filosofia⁴ como disciplina? Há estudos e discussões que pensam a filosofia para além de uma disciplina? O que se espera minimamente com a disciplina de Filosofia ou filosofia como discussão na Educação Básica? Estas indagações e outras, surgiram a partir de discussões feitas ainda na disciplina de Filosofia, que integrou o conjunto de disciplinas do curso de Pedagogia – UNESC, na minha formação, e foram elas que despontaram a principal pergunta, que se desdobra destas inquietações: o que esperar da filosofia na Educação Básica como parte da formação integral dos nossos estudantes?

Durante todo aquele semestre, foram discutidos os fundamentos do conhecimento filosófico, bem como um breve histórico da filosofia, e embora fosse pouco tempo para um aprofundamento destes assuntos, foi tempo suficiente para levar-me a refletir e ficar inquieta sobre o papel e os espaços ocupados pela filosofia na Educação Básica, e o que se esperar dela tanto como disciplina, quanto como área de saber. A preocupação com o que se quer com a filosofia na educação, fez e fará parte da minha trajetória, pois como futura pedagoga, conhecer as disciplinas, metodologias e propostas de ensino-aprendizagem é imprescindível como desdobramento da minha formação e realização do meu trabalho.

Diante de tantas questões, cabe aqui um recorte à pesquisa. Ele se dará a partir da importância da filosofia (disciplina ou não) no Ensino Fundamental, na perspectiva de

³ filosofia: saber, fazer filosófico.

⁴ Filosofia: enquanto disciplina escolar.

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 4, nº3, setembro/dezembro 2020.– Curso de Pedagogia– UNESC

formação integral e da inserção dos estudantes nesta área que se difere da ciência e da arte. Privar algum estudante do acesso a uma área é partir do pressuposto de que ele não tem condições ou não deve se desenvolver completamente. Assim, inseri-los na filosofia prescinde responder questões concernentes ao que queremos deles, ou seja: “que estudantes estamos formando, e para que?”, duas outras questões que devem me acompanhar em toda a profissão de professora, e aqui eu trouxe para esta pesquisa.

Esta afirmação repercute no que compreendo como formação integral, que se justifica a partir do pressuposto de que o acesso aos conhecimentos historicamente produzidos é um direito de todos e nenhuma área de saber deve ser privada ao estudante. No entanto, pude perceber que há ênfase no ensino do conhecimento científico, tanto pelos espaços que ocupam como pelos subsídios aplicados, enquanto que o conhecimento filosófico no Ensino Fundamental é deixado de lado, sem devido tempo (disciplina ou não), como por não haver mais formação e recursos aos professores, como materiais didáticos e paradidáticos, bem como formação continuada na área.

Em destaque, durante minha busca por fontes para a construção deste trabalho, o que mais aparece nas pesquisas sobre filosofia na Educação Básica, bem como estudei nas aulas de Filosofia do curso, é a proposta de Matthew Lipman, que foi um precursor quanto à filosofia nos espaços escolares, com tempo e espaço definidos. No Brasil, sua recepção é uma referência? Seria Lipman a única proposta para se trabalhar filosofia com crianças? Que ensino de filosofia se tem pela proposta lipmaniana?

Estas questões surgiram a partir da primeira, o que se quer com a filosofia nas escolas? A partir desse conjunto de questões, que se amarram eu pude perceber que havia uma necessidade de explorar a proposta de Lipman, bem como reconhecer se haveria outras, e, de que forma elas se apresentam à formação dos estudantes. Assim, acessei o projeto de extensão, que fora pensado e coordenado por professores de Filosofia da Unesc, que também se propunha a pensar a filosofia nos espaços escolares, mas agora com outro viés. Através do projeto de extensão *Filosofia com crianças: pensando e repensando conceitos e vivências* novas perspectivas e abordagens foram trazidas, para além da proposta de Lipman. O que o projeto de extensão propõe de diferente? O que ele também espera com a filosofia?

Portanto, a presente pesquisa procura responder, unificando estas questões ao seguinte problema: que proposta de filosofia há a partir dos projetos *Filosofia para crianças* e *Filosofia com crianças: pensando e repensando conceitos e vivências*?

Esta pesquisa é relevante para os pedagogos, pois traz à tona um assunto que urge ser discutido, e que por sua vez, vem colaborar com as pesquisas na área da educação por propor reflexões e questionamentos em torno de uma disciplina ou área, que ainda está à margem da educação.

O objetivo geral é analisar duas propostas de filosofia nos espaços escolares desenvolvidas no Ensino Fundamental em Santa Catarina, e para o alcance deste objetivo, se somam os específicos: Apresentar os marcos históricos da filosofia na educação brasileira nos seus “vais-e-vens”; Compreender a proposta de *Filosofia para crianças* de Matthew Lipman; Compreender o projeto de extensão *Filosofia com crianças: pensando e repensando conceitos e vivências*; Explicar a importância da filosofia ser incluída no Ensino Fundamental tanto como disciplina como a partir de outras modalidades.

Quanto à metodologia para a realização deste trabalho, foram feitas pesquisas em livros, trabalhos científicos e documentos. Os objetivos conferem à esta pesquisa os ares de uma abordagem qualitativa. Como pesquisa na área de humanidades, foi desenvolvida mediante análises de ideias, levando-se em conta o contexto da realidade a ser estudada e a construção de argumentos concisos e lógicos (MICHEL, 2015).

Quanto aos objetivos, esta pesquisa possui caráter exploratório.

[...] São finalidades de uma pesquisa exploratória, sobretudo quando bibliográfica, proporcionar maiores informações sobre determinado assunto; facilitar a delimitação de um tema de trabalho; definir os objetivos ou formular as hipóteses de uma pesquisa ou descobrir novo tipo de enfoque para o trabalho que se tem em mente [...]. (ANDRADE, 2010, p. 112).

De uma forma geral, as fontes analisadas permeiam assuntos sobre Matthew Lipman e sua proposta, projeto de extensão desenvolvido pela UNESC em municípios da região, e sobre os conceitos do que vem ser a Filosofia bem como sua importância enquanto disciplina e para além dela. Também consultamos fontes sobre a História da Educação no Brasil. Livros, artigos de revistas científicas e teses de doutorado, todos minuciosamente

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 4, nº3, setembro/dezembro 2020.– Curso de Pedagogia– UNESC

selecionados após checada a sua validade científica. Estas foram as fontes consultadas na construção desta pesquisa. Portanto, devido a este tipo de técnica que consiste na análise e estudos de documentos escritos, esta pesquisa é de procedimento bibliográfico e documental (MARCONI; LAKATOS, 2003).

Constituído por três sessões, primeiramente o artigo discute sobre os marcos históricos da Filosofia no Brasil, trazendo os contextos em que a disciplina ocupou espaço na educação em cada período histórico. Na segunda sessão é discutido sobre o *Programa de Filosofia para crianças* de Matthew Lipman, seu surgimento, objetivos e fundamentos, bem como sua chegada ao Brasil e os seus desdobramentos através de projetos. Na mesma sessão, o artigo trata do projeto de extensão desenvolvido pela Unesc *Filosofia com crianças: pensando e repensando conceitos e vivências*, a fim de compreender os objetivos, fundamentos e o de que forma ela traz a filosofia para os anos iniciais do ensino fundamental. Por fim, a terceira sessão procura explicar o conceito de filosofia e a importância desta ser incluída no ensino fundamental, voltando o olhar para o saber filosófico como parte da formação humana integral, e as possibilidades da sua inserção no espaço escolar através das duas propostas aqui analisadas.

2 A FILOSOFIA NO CENÁRIO BRASILEIRO

Em outros momentos da nossa história, a filosofia já esteve presente na educação brasileira, assumindo diferentes contornos em cada período. Para melhor entendimento da filosofia no cenário brasileiro procura-se aqui examinar o seu percurso, os momentos em que esta teve importância ou insignificância, e a quais interesses ela serviu, bem como os objetivos a ela atribuídos dentro de cada contexto histórico. Isso garante que num voo panorâmico, se percebe que a discussão de sua permanência ou não nos espaços escolares é incerta e ainda precisa de mais clareza.

A educação no país teve seu início com a missão jesuítica na colônia. A pedagogia jesuíta procurou ensinar aos indígenas a religião católica e a cultura portuguesa, que continha elementos oriundos desta crença. A Filosofia, portanto, fazia parte dos conhecimentos ensinados nas escolas e colégios (AZEREDO, 2010).

A escola era o local onde os padres reuniam os meninos indígenas e filhos de colonos, ali eram ensinados a ler e escrever, e eram também catequizados. Neste ensino, a retórica – o argumentar bem, fazer bom uso das figuras de linguagem, convencer - tinha lugar privilegiado, de forma que “[...] a metodologia em salas de aulas privilegiava a preleção, o ditado, a memorização, a emulação e a premiação [...]” (AZEREDO, 2010, p. 5). No colégio o ensino girava em torno do canto e aprendizagem de profissões. Os filósofos estudados eram sobretudo: Ovídio, César, Cícero e Sêneca (AZEREDO, 2010), bem como São Tomás de Aquino e Aristóteles (ARANHA, 2006), em níveis mais avançados.

Desta forma, a Filosofia na educação colonial estava longe de ser aberta à questionamentos, uma vez que não havia lugar para obras de filósofos contrários aos dogmas católicos e à cultura europeia. Somente a filosofia que correspondia aos interesses jesuíticos era apresentada, perdurando como modelo de ensino de 1570 a 1759 (ARANHA, 2006).

Ainda durante a era colonial ocorre a Reforma Pombalina. Por influências do Iluminismo, uma verdadeira secularização do ensino tomou a Europa, e conseqüentemente o Brasil. A educação jesuítica correspondia aos interesses da Igreja, e naquele momento era necessário forjar uma educação que atendesse aos interesses do Estado. Na Europa e no Brasil os jesuítas, bem como outras ordens religiosas foram expulsos do país, e a sua pedagogia perdeu o lugar. Marquês de Pombal, principal representante de ideais iluministas em Portugal, ao vir para o Brasil, introduz estes mesmos ideais na educação, promovendo uma reforma (ARANHA, 2006). A Filosofia então deixa de ser privilegiada e passa a ser uma disciplina introdutória dos cursos de medicina, teologia, direito e cânones (AZEREDO, 2010).

Durante o Império a educação no Brasil e em outros países vai ser influenciada pelo positivismo, o que vai resultar na prioridade de disciplinas científicas serem obrigatórias no currículo, enquanto as humanas – letras, artes e filosofia – ocuparão lugar secundário. Há também neste contexto, além da ênfase no cientificismo, um embate entre a corrente liberal positivista, que propunha uma educação leiga (cujas disciplinas deveriam ser norteadas pelas bases científicas, e o ensino prioritário das Ciências Naturais e Matemática), e a corrente humanista religiosa, cuja ênfase está nas disciplinas “humanas”, como Letras, Artes, Religião, Filosofia e Direito (ARANHA, 2006).

Quando o Brasil se constituiu como República, a proposta positivista ainda se fez presente na formulação de leis educacionais e organização das disciplinas no currículo, dentre as quais a Filosofia foi retirada. Os republicanos, além de serem antimonárquicos, procuraram separar Estado e Igreja de forma bem rígida, entregando a educação ao Estado, que organizou o currículo de acordo com a hierarquia das ciências proposta por Comte, num radical positivismo (AZEREDO, 2010).

De 1942 a 1946, Francisco Campos, Ministro da Educação, fez leis e organizou o ensino. Este conjunto de transformações educacionais por ele empreendidas ficou conhecida como Reforma Capanema. Campos introduz o sistema seriado e a frequência obrigatória. Divide o ensino secundário em Ginásio e Colégio, este último subdividido em Clássico e Científico, sendo o primeiro composto por disciplinas das ciências humanas, e o último por disciplinas das ciências naturais. A Filosofia neste contexto vai ser obrigatória no Colégio, na segunda e terceira séries do Clássico, e na terceira série do Científico (AZEREDO, 2010).

Em 1961, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a Filosofia deixa de ser obrigatória, sendo disciplina optativa. Até o ano de 1964, ela foi assim mantida, quando as reformas promovidas no Brasil pelos militares a excluem radicalmente uma vez que ela foi vista como uma ameaça à ordem política vigente. Neste período, ganha força o ensino tecnicista e a formação para o trabalho, empurrando a Filosofia para o status de “herege”. É a partir de 1979, com a redemocratização do país que a Filosofia começa a ser novamente trazida para a educação, ainda que de forma tímida e restrita ao ensino médio de escolas públicas (AZEREDO, 2010).

Em 1996 é criada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96), que deixa a inclusão ou não da Filosofia no currículo do Ensino Médio à critério das escolas. Posteriormente, em 2 de junho de 2008 foi criada a Lei nº 11.684, que torna a Filosofia uma disciplina obrigatória no Ensino Médio. Recentemente, ela volta a ser optativa, e colocada em discussão sobre sua obrigatoriedade ou não neste nível de ensino. No Ensino Fundamental a Filosofia continua à margem, mesmo com as transformações e avanços na área da educação.

Na educação atual, fica evidente a ausência de um aparato didático e pedagógico para que a Filosofia tenha seu lugar claramente definido na educação enquanto disciplina. No Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 4, nº3, setembro/dezembro 2020.– Curso de Pedagogia– UNESC

Ensino Médio, ela compõe o currículo, embora seja alvo de discussões quanto a tornar-se obrigatória ou optativa, porém, tem sido ensinada de uma forma cuja natureza se assemelha ao ensino de outras disciplinas. Ou seja, com os mesmos critérios, métodos e didática, tornando-se assim ora conteudista, ora com enfoque vago que se perde na subjetividade da qual a filosofia é questionadora (ROCHA, 2004).

2.1 Programa “*Filosofia para crianças*” de Matthew Lipman no Brasil

Atualmente, para a inclusão da Filosofia no Ensino Fundamental, se vê projetos desenvolvidos a partir da proposta de Matthew Lipman, chamada de *Programa de Filosofia para crianças*, principalmente em diversas escolas públicas de Santa Catarina. Este ponto permite fazer uma análise da proposta de Matthew Lipman de Filosofia para crianças, procurando compreendê-la e pensá-la como uma contribuição para que a filosofia (cujos conhecimentos são distintos, mas não menos importantes que os conhecimentos científicos) seja incluída no Ensino Fundamental. Esta proposta marca a filosofia como indispensável à formação infantil, para isso oferecendo métodos e materiais.

No início dos anos 1970, surge uma proposta de Filosofia para crianças, nos Estados Unidos, o *Programa de Filosofia Para Crianças*. Seu criador foi Matthew Lipman, professor universitário, com a colaboração de Frederick S. Oscanyan e Ann Margaret Sharp.

Lipman defendia uma reforma no sistema educacional de seu país, que incluísse a Filosofia no currículo da Educação Infantil, perpassando também pelo Ensino Fundamental, numa perspectiva de que a escola deveria tornar-se uma “comunidade de investigação”, na qual o aluno é protagonista de sua aprendizagem. Pela filosofia, as crianças poderão aprender a pensar por si mesmas e a desenvolver o raciocínio lógico. Este, por sua vez, trará melhorias na aprendizagem das demais disciplinas, e as tornará capazes de usar essa habilidade em contextos fora da escola, nas suas vivências, pois aprenderão a conviver baseando-se em princípios éticos (RÉNDON, 2015).

Para Lipman, o viés mais adequado para a realização de seu objetivo, seria a literatura. Por isso, ele escreveu *Novelas Filosóficas* para o público infantil, infanto-juvenil e

adolescentes, cujos temas são próximos do cotidiano dos alunos conforme a faixa etária, e trazem conceitos filosóficos para serem refletidos e discutidos.

O programa *Filosofia para crianças* seria inserido no currículo da escola como parte do mesmo, e coloca cada novela para a idade adequada dos alunos, seguindo os anos escolares. O programa tem por objetivos que as crianças aprendam a usar o pensamento reflexivo e a desenvolver o raciocínio lógico. Este, por sua vez, trará melhorias na aprendizagem das demais disciplinas, e as tornará capazes de usar essa habilidade em contextos fora da escola, nas suas vivências, pois aprenderão a conviver baseando-se em princípios éticos. Para o ensino de Filosofia Lipman não deixa um manual rígido a ser seguido, mas coloca algumas sugestões para o professor conduzir uma aula de Filosofia, sempre respeitando a idade escolar (RÉNDON, 2015).

Quanto à metodologia, cada aula poderá ser na sala de aula ou fora dela por exemplo, os alunos são dispostos em círculo, onde todos possam ver uns aos outros. A esse grupo Lipman vai chamar de *comunidade de investigação*. Inicia-se a leitura de um capítulo da Novela. Os alunos levantam questões sobre o texto, a partir das quais começa a discussão. O diálogo, conduzido pelo professor, poderá ir além do assunto central. Porém, na comunidade de investigação há três regras básicas: a) prontidão para a razão; b) respeito entre os alunos e entre estes e o professor; c) ausência de doutrinação. Estes três elementos são fundamentais em toda e qualquer discussão filosófica a partir da proposta de Lipman (LIPMAN; SHARP; OSCANYAN, 1994).

Nas aulas seguintes, antes de prosseguir no exercício filosófico conforme o programa, os conceitos que foram discutidos serão retomados em forma de síntese, afim de levar os alunos ao uso das habilidades cognitivas que se procura neles desenvolver:

- a) política;
- b) lógica;
- c) estética;
- d) linguagem e ética.

Finalmente,

[...] quando o diálogo dos alunos não consegue se materializar, o professor pode se ver obrigado a interferir introduzindo considerações filosóficas relevantes para salvaguardar a integridade da investigação. (LIPMAN; SHARP; OSCANYAN, 1994, p. 73).

Em outras palavras, a discussão filosófica não é solta, sem objetivos ou resumida a dialogar, como se “falar e mais falar” sem chegar em lugar algum, fosse o foco. Pelo contrário, se o desenrolar da aula não for como se espera, dentro do que era minimamente proposto, o professor deverá intervir de forma a manter o diálogo movido pela argumentação lógica pautada na razão, em torno do conceito filosófico a ser investigado, e só depois dessa averiguação é que se poderia ampliar com outras questões.

O *Programa de Filosofia para crianças* de Lipman chega ao Brasil no ano de 1984, traduzido e adaptado por Catherine Young Silva, aluna de Lipman no curso de mestrado, autorizada a divulgar o trabalho, bem como desenvolver capacitações para professores. A proposta é então introduzida primeiramente na rede de ensino de São Paulo, em parceria com docentes da PUC/SP. Na zona leste da mesma cidade, escolas públicas recebem o Programa. Em janeiro do ano seguinte, a equipe fundou o *Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças – CBFC* (RAMOS, 2015).

Em 1988 a proposta ganha espaço em Florianópolis, Santa Catarina, originando, em 1990 o Centro Catarinense de Filosofia, com a colaboração dos professores Sílvio Wonsovicz e Abrão Iuskow (RAMOS, 2015).

Em outras regiões do Brasil, devido às dificuldades que o CBFC encontrou para administrar o Programa, foram fundadas filiais e núcleos regionais que representassem o Centro de Filosofia, comprometidos com os objetivos dele, que também lhes forneceria os materiais necessários. Desta forma, as cidades onde foram fundados centros regionais foram: Belo Horizonte- MG, Campinas – SP, Cuiabá- MT, Curitiba- PR, Florianópolis- SC, Petrópolis - RJ, São Luís-MA, Ribeirão Preto – SP, e na zona leste da capital paulista (SILVEIRA, 1998).

O *Centro de Filosofia Educação Para o Pensar* realizou, junto ao Centro Brasileiro de Filosofia, no ano de 1994, um encontro em Florianópolis com mais de 400 participantes. A proposta recebeu a simpatia e o interesse de muitos profissionais da educação, porém, maior parte dos filósofos brasileiros não foram receptivos (RAMOS, 2015).

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 4, nº3, setembro/dezembro 2020.– Curso de Pedagogia– UNESC

Em 2000 o Programa é implantado na rede municipal de ensino da cidade de São José – SC. O projeto recebe o nome de *Educar para o pensar*, sendo este coordenado pelo professor de Filosofia Alberto Thomal, que viu na proposta de Lipman uma saída frente aos desafios do ensino tecnicista, uma vez que para as aulas práticas havia carência de recursos, e o fato de um professor de Filosofia ter de lecionar aulas técnicas de trabalhos braçais. Assim, o projeto Educar Para o Pensar assumiu um contorno interdisciplinar, e teve apoio do *Centro de Filosofia Educação Para o Pensar* (RAMOS, 2015).

Quanto ao material de *Filosofia para crianças* no Brasil, este é constituído por Novelas e textos filosóficos, manuais para professores, incluindo capacitações e treinamentos para docentes, com vistas a atingir os propósitos do Programa. Todo o material e os cursos oferecidos foram recebidos do IAPC – *Institute for the Advancement of Philosophy for Children* (Instituto para o Desenvolvimento de Filosofia para Crianças), órgão fundado em 1974 nos EUA, por Lipman e Sharp afim de divulgar o Programa no país. O CBFC, representante do IAPC no Brasil, traduz, distribui e divulga o programa que no início esteve sob a liderança de Catherine Young Silva (SILVEIRA, 1998).

Neste ponto fica evidente o conflito com a ideia original de Lipman, que não tinha o propósito de colocar os professores do Ensino Fundamental debaixo das prescrições de manuais a serem seguidos e cumpridos rigidamente. No entanto, o docente dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental não possui formação em Filosofia, necessitando assim de instruções para conduzir a aula de Filosofia com as especificidades dela própria.

A ideia de Lipman tem suas bases na abordagem generativa, numa perspectiva de que as capacidades cognitivas da criança precisam ser reforçadas. Ou seja, a criança já possui estas capacidades, porém precisam ser estimuladas. Para Lipman estas capacidades cognitivas avançam conforme a idade, mas com seu programa, ele pretende criar condições para antecipá-las. Evidentemente, o *Programa de Filosofia para crianças* é oposto à teoria da aprendizagem histórico-cultural, a qual vê o ser humano como ser cultural e não preso a padrões cronológicos de desenvolvimento, antes, tem sua aprendizagem em tempos próprios, de acordo com a sua cultura (SILVEIRA, 1998).

A proposta de Lipman no Brasil se mostrou um tanto inovadora na área da Filosofia na Educação Básica, ainda que com discrepâncias em relação à teoria da educação

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 4, nº3, setembro/dezembro 2020.– Curso de Pedagogia– UNESC

adotada no estado catarinense – a histórico-cultural. Ainda assim, pode-se considerar uma contribuição para se pensar a Filosofia na educação, visto o lugar de insignificância que esta chegou a ocupar e ainda ocupa no Ensino Fundamental.

O projeto de Filosofia para crianças de Matthew Lipman oferece subsídios para que a educação no Ensino Fundamental tenha a Filosofia como disciplina, porém, existe também a existência de uma proposta que procura ir além da proposta de Lipman, a qual vai ao encontro do que está colocado na perspectiva histórico-cultural, o projeto de extensão *Filosofia com crianças*. A seguir procura-se compreender por que essa proposta dialoga mais com os documentos do Estado de Santa Catarina, que apontam a teoria histórico-cultural como base, e o que este projeto pode oferecer como garantia do ensino de filosofia.

2.2 Projeto *Filosofia com crianças: pensando e repensando conceitos e vivências*

O Projeto de Extensão da Unesc *Filosofia com crianças: pensando e repensando conceitos e vivências*⁵ foi elaborado pelos professores Jeferson Luís de Azeredo e Alex Sander da Silva, docentes na Unesc e formados em Filosofia. Foi desenvolvido no ano de 2015, e primeiramente foi apresentado no município de Criciúma, e em 2017 realizado em parceria com a secretaria municipal de educação de Forquilha, aplicado em turmas de 5º ano e discutido com as professoras dessas séries.

O projeto atendeu à necessidade da articulação entre ensino, pesquisa e extensão, tripé que possibilita à Universidade atuar na sociedade, na medida em que procura conhecer a realidade do seu entorno para nela intervir com uma ação transformadora, socializando e democratizando os conhecimentos produzidos a partir das pesquisas realizadas na Universidade.

O Projeto objetiva “estabelecer a relação entre pensar e fazer filosóficos nos espaços escolares, a partir dos pilares que constituem o projeto: DIÁLOGO, PROBLEMATIZAÇÃO e CRIAÇÃO.”⁶

⁵ As informações constam no documento do Projeto de Extensão *Filosofia com crianças: pensando e repensando conceitos e vivências*.

⁶ Citação retirada do mesmo documento.

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 4, nº3, setembro/dezembro 2020.– Curso de Pedagogia– UNESC

Além deste objetivo, os específicos para alcançá-lo são: proporcionar aos professores o pensar a filosofia na sala de aula, criar junto destes um espaço para se discutir as atividades filosóficas tais como dinâmicas, sarau e café filosófico, experimentações filosóficas, palestras, visitas artísticas e culturais; promover questionamentos e problematizações sobre a relação da criança com o mundo; desenvolver a consciência de que na vivência em comunidade todos têm direitos e deveres; educar para valores éticos universais; desenvolver sensibilidade estética e interesse pela expressão artística, e, por fim, auxiliar os alunos no seu desenvolvimento cognitivo.

O que chama inicialmente a atenção, é ver que o projeto utiliza a preposição “com” e não “para”, que foi amplamente usado por Lipman e até outras pesquisas envolvendo filosofia e crianças.

Essa mudança é justificada no projeto, que foi submetido em aprovação por edital na Universidade, como a perspectiva assumida, ou seja, quando se fala de “para” se indica que se está levando ou dando algo, oferecendo um conteúdo ou aprendizado, o que também é muito importante, pois como lembra Gaston Bachelard, temos que visitar a história dos conhecimentos, mas não se prender a ela. Assim, o “para” é uma proposta mais linear, que há o que se quer como fonte quase que exclusiva do processo.

A mudança para a preposição “com” inaugura uma condição, um espaço, em que os conteúdos e o “que se quer” estão presentes nele, mas agora dispostos à partir do estudante, que se dispõe a trilhar a proposta articulando saberes a sua disposição para resolver as questões que vão surgindo, ora iniciadas (às vezes) pelo professor, ora do grupo que se formou nesses espaços. O que se tem é um “espaço do criativo do pensamento”, que no projeto é chamado de Ateliê, conferindo a ela a característica de livre expressão e acesso a diversas fontes, mas com o compromisso de produzir pensamento, que são produtos a cada um de modo a acessar estágios superiores de razão e conhecimento.

Há três pilares que são referências à formação deste espaço: a) diálogo; b) problematização; c) criação.

O diálogo diz respeito ao incentivo e oportunidade para os alunos falarem, participarem, de forma que problematizem as situações que vivenciam em seu cotidiano. O diálogo irá produzir essa problematização, segundo pilar do projeto, no qual o aluno é levado

a questionar e refletir sobre a realidade, elementos essenciais para a formação do pensamento filosófico. A criação surge a partir dos dois primeiros pilares, a criança é vista como ser capaz de produzir questionamentos filosóficos que abrangem aspectos das suas experiências não só como aluna, mas também enquanto pessoa humana protagonista na sua formação e produtora de cultura.

Estes pilares, juntos, promovem o exercício do pensamento filosófico levando ao cuidado e à criatividade, elementos que compõem a formação integral. Cuidado por voltar as questões do aluno para ele mesmo, sempre no movimento de si para si, sem cair em subjetividade ou esvaziamento de compromisso com o que é pensado.

O desenvolvimento do estudante é seu comprometimento com os problemas levantados. Há para cada encontro alguns dispositivos que ampliam e instigam o estudante a perseguir o desenvolvimento das questões, como plaquinhas que são levantadas pedindo que o colega dê um exemplo do que ele está falando, ou em outra plaquinha escrito que ele deve repetir com outras palavras etc. Essas “Plaquinhas no ar”, como é assim chamado, é um instrumento usado no grupo para se criar uma atmosfera de foco e rigor, igual a qualquer ateliê em que o artista é comprometido com o que está fazendo, pois ali, se concretiza seu trabalho, na ideia de que outros tenham acesso.

O desenvolvimento cognitivo dos alunos é constituído pelos objetivos do projeto, principalmente pelas estratégias de: Contação de histórias de filosofia para crianças, de contos e fábulas infantis, diálogo em estilo socrático, uso de imagens - fotografias e pinturas. Ou seja, o acervo de disposição de fontes é variado, permitindo arranjos que, num primeiro momento parecem devaneios, mas no clima de jogo e arte, se dispõem como peças importantes à multiplicidade de conceitos que se abrem e fecham, no exercício de autonomia para com o pensar e no compromisso de em grupo, atingirem outros graus de saber e conhecer. É o aluno sendo convidado a assumir a si mesmo como protagonista e responsável pelo mundo em que vive, na forma de pensar e ser, assim, é ele mesmo sujeito ativo e transformador, pois leva consigo um outro-eu agora mais desperto.

Assim, percebemos que o projeto de extensão *Filosofia com crianças: pensando e repensando conceitos e vivências* está em sintonia com a proposta histórico-cultural. O projeto está embasado na visão de que a criança é protagonista de sua aprendizagem, Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 4, nº3, setembro/dezembro 2020.– Curso de Pedagogia– UNESC

produtora de conhecimentos e cultura, e que o pensamento filosófico não irá surgir como algo espontâneo, natural do aluno, tampouco que este deva receber os conceitos já prontos cabendo-lhes apenas memorizá-los. O conhecimento filosófico, assim como os demais, é algo a ser ensinado e aprendido mediante intervenção pedagógica não diretivista, e que propõe ao aluno o pensar de modo reflexivo, levando à elaboração e reelaboração de conceitos, o que faz parte do processo da aprendizagem e construção histórica do ser humano (OLIVEIRA, 2010).

3 O QUE É FILOSOFIA E PORQUE INCLUÍ-LA NO ENSINO FUNDAMENTAL

O dicionário Abbagnano (2003, p. 442) define a filosofia de forma complexa, com significados múltiplos de acordo com o contexto histórico, geográfico e por diversas correntes filosóficas. Desta forma, se a filosofia é intrínseca ao pensamento humano, e este é complexo e repleto de formas e ambiguidades, logo, toda esta complexidade se reflete nas definições da própria filosofia. Porém, há pontos em comum entre estas múltiplas significações, em torno das quais elas se articulam.

A primeira definição de filosofia produzida na história humana tem a origem do saber como algo divino, sendo este uma revelação ou dom, portanto restrito à poucas pessoas que compõem uma seita, grupo religioso, ou casta. Esta concepção de Filosofia serve ao homem para a sua salvação, para o contato com o divino, e para explicar racionalmente crenças místico-religiosas (ABBAGNANO, 2003).

A segunda concepção, originada na Grécia e que tomou a civilização ocidental é “[...] a definição contida no *Eutidemo* de Platão: F. é o uso do saber em proveito do homem [...]”. (ABBAGNANO, 2003, p. 442). Ou seja, a filosofia é um saber produzido pelo homem, sendo uma ciência que abrange simultaneamente o fazer e o saber. Além disso, para Aristóteles, o homem é um ser racional, provido de capacidades para adquirir, enriquecer, julgar, aprovar ou rejeitar um saber. Deste modo, é tarefa da filosofia opor-se ao que os gregos chamavam de *opinião*: tradição, preconceito, mito, enfim, toda crença infundada. A filosofia, para Platão, é antagônica à ignorância, e esta vem a ser uma ilusão de sabedoria que não permite o incentivo à investigação (ABBAGNANO, 2003).

O saber filosófico é construído com base na racionalidade manifesta na formulação de argumentos lógicos. É um tipo de conhecimento não passível de verificação experimental e que procura apreender o objeto de sua investigação na sua totalidade. Cabe à filosofia analisar, elaborar e reelaborar ideias, conceitos, movida pelos anseios humanos, os quais geram as indagações que encontram na filosofia espaço para serem respondidas. (MARCONI; LAKATOS, 2003).

Diante do exposto, é importante a inclusão da Filosofia no Ensino Fundamental dado o seu caráter investigativo e provocador. A filosofia se ocupa com questões que não encontram espaço em outras áreas do conhecimento, por serem desprovidas das possibilidades de comprovação por experimentos. Os conhecimentos por ela produzidos são distintos dos demais, como os científicos, teológicos, cotidianos, tanto na natureza quanto na forma como são gerados. A filosofia se ocupa da elaboração de conceitos, como por exemplo, o que é a felicidade? O que é amor? O que é justiça? Ela questiona os conceitos que ela mesma produz. A filosofia se ocupa de especificidades que cabem à ela mesma investigar, ponderar e tentar responder, por seus próprios métodos, por seus próprios caminhos. A inclusão da filosofia nos espaços escolares torna-se necessária à medida em que ela se constitui como proposta para o desenvolvimento do pensamento filosófico como parte da formação integral (REIS, 2019).

Portanto, o conhecimento filosófico vem a ser parte do repertório de toda criação humana, sendo um conhecimento gerado a partir de questões inerentes da vivência humana nas suas múltiplas experiências existenciais, culturais, educacionais, religiosas, enfim, que abrangem todas as esferas da vida humana, por muitas vezes conflituosas e providas de ambiguidades, geradoras de questionamentos por parte do ser humano como ser pensante. Por isso, pensar a filosofia na educação não se limita pensar somente em uma disciplina a mais no currículo, mas como uma área de saber que faz parte da formação integral que cabe à escola oferecer para os sujeitos que a compõem, por isso a necessidade de mais espaços, disciplinares ou não.

4 CONCLUSÃO

Esta pesquisa procurou analisar quais as propostas de filosofia existentes nos Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 4, nº3, setembro/dezembro 2020.– Curso de Pedagogia– UNESC

projetos *Filosofia para crianças*, e *Filosofia com crianças: pensando e repensando conceitos e vivências*, apresentando brevemente os marcos históricos da filosofia na educação brasileira, procurando compreender cada uma das propostas pesquisadas, bem como explicar que a inclusão da filosofia nos espaços escolares é de suma importância, para que, junto dos demais saberes, venha integrar uma educação que se preocupa em formar o sujeito crítico, reflexivo, num constante movimento de conhecer-se cada vez mais e exercer a autonomia e a cidadania.

Ambas as propostas, *Filosofia para crianças* de Matthew Lipman, e o Projeto de Extensão *Filosofia com crianças: pensando e repensando conceitos e vivências*, são oportunas para inserir-se a filosofia no Ensino Fundamental. Cada um destes dois projetos têm o seu valor e importância por permitirem a criança o acesso à filosofia, sendo o primeiro numa proposta disciplinar e ao encontro de uma concepção de aprendizado a partir das idades, e o último a partir da criação de um espaço não determinado como uma disciplina, e que também se coloca na construção das questões filosóficas a partir da criança, indiferente da idade e do grupo que está participando.

Com a chegada da proposta de Lipman ao Brasil foi aberta uma oportunidade para que as crianças tivessem contato com a filosofia na educação escolar. E o projeto *Filosofia com crianças: pensando e repensando conceitos e vivências*, que se desdobrou a partir da primeira, permitiu um aprimoramento do pensar a filosofia nos espaços escolares ao desenvolver-se pautado numa visão de aluno/criança como protagonista de sua aprendizagem, produtor de conhecimentos e de cultura.

Uma das formas apresentadas como desdobramento da proposta de Lipman é no projeto de extensão *Filosofia com crianças: pensando e repensando conceitos e vivências*, que procura superar um acúmulo dos conteúdos, uma única metodologia, o construtivismo, a aprendizagem dependente do nível de desenvolvimento, e a filosofia apenas como conteúdo disciplinar. Diferentes metodologias além do aspecto lúdico das formas de conduzir o ensino de filosofia, são imprescindíveis no contexto educacional atual, pois este aluno/criança que aí se coloca aprende enquanto participante ativo deste processo.

Fica evidente a importância da inclusão da filosofia nos espaços escolares, como parte da formação integral, e como um conhecimento que dialoga com as demais áreas do saber, uma vez que sua total ausência na escola deixa uma lacuna na educação.

Por fim, espera-se que esta pesquisa venha levantar mais reflexões e questionamentos a respeito da filosofia no Ensino Fundamental, gerando mais pesquisas sobre o tema.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico:** elaboração de trabalhos de graduação. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 158 p.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação e da Pedagogia Geral e Brasil.** 3 ed. São Paulo: Moderna, 2006. 384 p.

AZEREDO, Jéferson Luís de. **PROJETO DE EXTENSÃO UNESC – Filosofia com crianças: pensando e repensando conceitos e vivências.** 2015.Documento.

AZEREDO, Jéferson Luís de. Filosofia no Currículo Escolar Brasileiro: Contextos Históricos. **SELM:** Criciúma, v.1, n.1, p. 1- 19, set. 2010. Disponível em: <http://periodicos.unesc.net/index.php/SELM/article/view/444> Acesso em: 16 maio. 2019.

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia.** Tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bosi; revisão da tradução e tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 1014 p.

LIPMAN, Matthew; SHARP, Ann Margaret; OSCANYAN, Frederick S. **A filosofia na sala de aula.** Tradução: Ana Luiza Fernandes Falcone. São Paulo: Nova Alexandria, 1994. 256 p.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MICHEL, Maria Helena. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais:** um guia prático para acompanhamento da disciplina e elaboração de trabalhos monográficos. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2015. 284 p.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento:** um processo sócio histórico. 5 ed. São Paulo: Scipione, 2010. 112 p.

RAMOS, Karine Rodrigues. **Filosofia para crianças:** o projeto “Educar Para o Pensar” na Rede Municipal de São José/SC (2000-2010). 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) –

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 4, nº3, setembro/dezembro 2020.– Curso de Pedagogia– UNESC

Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2015. Disponível em: <http://tede.udesc.br/handle/tede/2494>. Acesso em: 22 ago. 2019.

REIS, Lígia de Almeida Durante dos. **Filosofia para crianças**. Londrina: Educacional, 2019.

RENDÓN, Martha Lúcia Aterhótúa. **Filosofia para crianças: do desenvolvimento das habilidades do pensar bem à formação de atitudes**. 2015. 113f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/127994>>. Acesso em: 20 ago. 2019.

ROCHA, Ronai Pires da. Sobre o espaço da Filosofia no currículo escolar. In: TREVISAN, Amarildo Luiz; ROSSATTO, Noeli Dutra (Orgs.). **Filosofia e educação – Confluências**. Santa Maria, RS: FACOS/UFSM, 2004. p. 542.

SILVEIRA, Renê José Trentin. **A Filosofia vai à escola?** Estudo do “Programa de Filosofia para crianças de Matthew Lipman. 1998. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/251622>. Acesso em: 3 set. 2019. Acesso em: 02 set 2019.